

FEITOS PARA VENCER[®]

Por Homero Reis; M.Sc.
Setembro/2009

Palestra proferida na
Comunidade Evangélica SARA NOSSA TERRA,
em 25/08/09, por ocasião do Culto dos Empresários.

A Bispa Rosália, pelo caminho
que permite construir vencedores.

É com muito prazer que falo sobre esse tema: "Feitos para Vencer". Tenho estudado sobre o assunto desde que comecei a enfrentar o mercado de trabalho, tendo uma filosofia de vida humanista-cristã. Conversar sobre isso é uma boa oportunidade de compartilhar algumas ideias que me inquietam a esse respeito.

Vou começar com uma pergunta que me parece básica: se fomos feitos para vencer, por que isso não ocorre ou por que temos a sensação de que não é assim? Temos essa questão da vitória e do sucesso como sendo algo que faz parte dos nossos desejos, anseios e grandes expectativas existenciais. Então, por que não acontece? Onde está o erro? Em princípio, creio que duas coisas ocorrem: nossos conceitos de sucesso ou de vencedor estão equivocados e nossa atitude diante da vida é míope.

Vamos ver isso mais de perto. Temos um conceito equivocado sobre ter sucesso e ser vitorioso. Imaginem uma pessoa adulta, por exemplo, um artesão. Essa pessoa não conseguiu, até então, ter dinheiro para pagar o aluguel de casa e nem mesmo possui uma. Vive de doações dos amigos; é considerado pela população em geral um rebelde ou um louco pretensioso. Essa pessoa pode ser considerada uma vencedora ou alguém de sucesso? Se a resposta for não, como é que você avalia a vida de Jesus? Com 33 anos de idade, ele era considerado absolutamente um pária da sociedade. As únicas pessoas que gostavam dele eram poucos discípulos, não tinha dinheiro para viver, dependia do sustento dado por algumas mulheres. Morreu crucificado, mas tornou-se o maior de todos os protagonistas da história ocidental.

Outros personagens também tiveram semelhante trajetória. Pedro, por exemplo, passou grande parte da vida pobre, pescando mal e parcamente os pouquíssimos peixes que existiam no mar da Galiléia.

Tinha uma sogra doente. Depois que se tornou discípulo de Jesus, foi perseguido e morreu crucificado de cabeça para baixo. Paulo se converteu, entrou para o mundo cristão, foi perseguido e morreu decapitado. João Batista recebeu a missão de preparar a vinda do messias. Nasceu com esse enorme peso sobre os ombros, viveu na solidão, só conseguia dizer para as pessoas se arrependem e as batizava num rio feio e barrento. Vestia-se de pele de carneiro e comia gafanhotos e mel silvestre. Morreu decapitado para satisfazer o desejo de Salomé. João, o evangelista, passou a vida sendo perseguido. Escreveu um livro que ninguém entendia. Ficou exilado na ilha de Patmos, onde teve uma visão no mínimo excêntrica sobre o fim dos tempos. Morreu abandonado por todos. Muitos outros têm uma história semelhante.

Nós, cristãos, dizemos que Jesus é modelo de vida, vitória e sucesso. No entanto, será que gostaríamos de ter a vida que Ele, os discípulos e os pais da igreja tiveram? Será que gostaríamos ser vencedores do modo como eles foram?

Falei de muitos personagens bíblicos, mas vamos ver se isso ocorre em outros domínios da vida humana. Uma pessoa inventa o maior de todos os equipamentos de transporte do mundo moderno, cria o relógio de pulso e muitas outras coisas. Em resumo, um gênio criativo. Será que foi bem sucedido e vencedor? Essa pessoa foi Santos Dumont, que se suicidou em profunda crise existencial.

Muitos dos grandes personagens da cultura mundial, pintores, escultores, músicos, filósofos, políticos, entre outros, tiveram vidas sofridas, solitárias, neuróticas. Freud, Nietzsche, Van Gogh, Mozart foram vencedores? Se sim, devemos pensar um pouco melhor sobre a noção que temos sobre esse tema.

A meu ver existem pelo menos duas perspectivas erradas no modo de ser contemporâneo: o imediatismo e a descartabilidade. No imediatismo, perde-se a capacidade de esperar e constrói-se uma relação ansiosa com todas as coisas. Tudo começa a sofrer de uma imperiosa urgência, que não respeita tempos, nem épocas. Quero tudo agora e não sei esperar. Há uma história bem simples, que ilustra isso. Um garoto pede uma manga ao pai, que lhe dá o fruto pedido. O garoto gosta muito do sabor. Então, pergunta ao pai se pode plantar a semente da manga degustada para poder comer dela sempre que quiser. O pai diz que sim, mas que vai demorar uns dez anos até que a árvore cresça e dê frutos. Diante disso, o garoto, impaciente, diz que não quer mais plantar, porque não quer esperar tanto tempo. O pai lhe responde:

- Filho, os próximos dez anos vão passar de qualquer forma. Agora, você pode escolher se quer ou não ter uma mangueira frutífera no futuro.

Precisamos começar a pensar no que estamos plantando, pois vencer está ligado a colher. Ser vencedor está ligado a colher aquilo que se plantou. Temos que ter consciência sobre o que temos plantado. Porque se não somos capazes de perceber o imediatismo no qual vivemos, começamos a desenvolver certa esquizofrenia sobre a realidade. Planto abacaxi, nasce abacaxi, no tempo e na época do abacaxi, e eu acho que não é abacaxi, e sim pêssego. E o pior: eu peço para Deus transformar o abacaxi em pêssego, porque não aceito que tenha nascido abacaxi. Quero pêssego. Aí, fico incomodando Deus com orações absurdas, por não ser capaz de aceitar que plantei abacaxi e que vai nascer abacaxi. Essa é a ordem natural das coisas.

Quando planto abacaxi e não aceito ou não assumo a responsabilidade sobre isso, não estou no caminho normal da vida. Nunca fui competente, nunca fui estudioso, nunca fui dedicado e quero colher competência, conhecimento, compromisso e dedicação. Não vou colher isso! Essa é a regra natural da ordem estabelecida para as coisas. Preciso começar a pensar em como estou me relacionando com o meu imediatismo. O que estou plantando? Na medida em que planto, colho. Esse é o princípio.

Ao não reconhecerem o que possuem hoje como fruto de um processo de escolhas, iniciado há 20, 30, 40 anos, as pessoas desenvolvem uma desastrosa ansiedade sobre tudo e todos.

Se fui feito para vencer, devo começar assumindo a responsabilidade sobre o que andei plantando nos últimos tempos. Olhe para trás e pergunte-se sobre o que plantou, pois é isso que está colhendo agora. Mas, se quer mudar alguma coisa, comece agora a plantar coisas novas. Daqui a algum tempo, vai colher os frutos. As coisas não acontecem em função de nossa demanda imediata. Não é a ansiedade que faz as coisas acontecerem. Entender isso é o primeiro passo para ser, de fato, vendedor.

O segundo é a descartabilidade. É o princípio pelo qual eliminamos as coisas que já não são úteis, sem nenhum esforço por restauração daquilo que julgamos não dar mais os resultados esperados. Por exemplo, antigamente se colocava meia-sola nos sapatos. Hoje, não se usa mais. Você joga o sapato fora e compra outro. Antigamente, se consertava panela. Hoje, não mais. Você joga a panela fora e compra outra.

Quanto eu fiz 15 anos, meu pai me deu de presente um barbeador. Esse barbeador existe até hoje. Era um modelo que trocava as lâminas e vinha com uma pedra de afiar para quando ficasse sem o corte ideal. Tenho 54 anos e o barbeador ainda funciona com as mesmas lâminas de então. Do ponto de vista da modernidade, isso é um absurdo econômico. Como alguma empresa pode sobreviver fazendo barbeadores que duram a vida inteira? Pois é! Esse é o problema da descartabilidade. Vivemos num mundo onde joga fora todas as coisas, porque existem outras melhores a preços mais baratos. Descarto o sapato, a panela, o barbeador, da mesma forma como descarto pessoas e relacionamentos. Não somos mais capazes de restaurar nada, nem de investir tempo em coisas e pessoas que precisem de cuidados. Vivemos uma urgência doentia.

É muito mais prático, mais rápido, descartar do que reconstruir. No entanto, é também muito mais solitário e egoísta. Descarto pessoas, amigos, relacionamentos. Essa questão da descartabilidade faz com que a gente perca o foco do processo de construção da própria realidade. Sabe por que você é diferente de mim? Para me ensinar. Se não sou capaz de aprender com a diferença, não sou capaz de crescer.

Não estou propondo um saudosismo reducionista em relação a isso. Quero dizer que perdemos a perspectiva da aprendizagem e da restauração. Não há vitória quando descartamos ou nos tornamos descartáveis.

Quero montar o meu negócio hoje e ficar rico amanhã. Não acontece assim. Isso é mentira ou desonestidade. Não há essa possibilidade. Se alguém consegue fazer isso é corrupto, está mentindo ou é desonesto, pois um negócio se consolida ou não ao longo de uma história. A descartabilidade não nos permite a perseverança. É preciso entender como as coisas funcionam.

Outro aspecto de “ser vencedor” está ligado à capacidade relacional. A tirania do fazer, a angústia de ter e a incapacidade de contemplar estão na pauta das doenças relacionais.

Durante os primeiros anos de minha vida, morei numa fazenda. No meu site (www.homeroreis.com – Retrato de Uma Escola), conto uma história sobre essa época. No entanto, as dificuldades da vida fizeram com que mudássemos para a cidade. Foi lá que aprendi a comparação. Na fazenda, tudo era igual. Na cidade, aprendi a ter inveja. Na fazenda, eu era filho do patrão, mas estava junto com todo mundo, e todos usavam as mesmas coisas, faziam as mesmas

coisas e estavam juntos em tudo. O fato de ser filho do dono não fazia a menor diferença. Quando fui para Goiânia, descobri que se não tivesse o tênis, o sapato, a camisa da moda, se não frequentasse os lugares da moda, se não estivesse com a galera da moda, eu não seria legal. Meu pai não tinha dinheiro para me dar essas coisas, então, sentia inveja de quem tinha e esse sentimento horrível me marcou por muitos anos. Comecei a ter vergonha de ser pobre e a culpar meus pais por isso. Passei a ter vergonha das minhas origens e perdi minha dignidade relacional, porque a vida centrou-se em "ter". Eu não estava satisfeito em ter um tênis, eu precisava do tênis da moda. E assim por diante, eu não me satisfaço com o meu carro, porque preciso ter o carro da moda. Eu não estou satisfeito com o meu emprego, porque tenho que ganhar o dobro. Eu não estou satisfeito com o dobro, porque tenho que ganhar o quádruplo. Essa tirania do "ter" tira das pessoas a centralidade da vida. Elas começam a correr atrás de coisas que são absolutamente enganosas. Ter passa a ser o anestésico para nossa fragilidade relacional. Quero ter porque não sou capaz de me relacionar simplesmente. Então o que é ser vencedor?

Mas tem aí um terceiro elemento, que chamo de capacidade contemplativa. Ela nos faz reconhecer o que fazemos e desenvolve em nós a gratidão. Isso nos é ensinado na Bíblia. No livro de Gênesis, Deus, depois de criar as coisas, as contempla para dizer que eram boas. "E viu Deus que isso era bom". Deus tem tempo para contemplar o que faz e gosta do que faz. A pergunta que quero lhe fazer é a seguinte: qual foi a última vez que você contemplou algo que fez? Um aluno que termina o relatório e antes de entregá-lo ao professor contempla-o para dizer:

- "Legal, que relatório bem feito, gostei do que fiz. Aqui está um relatório honesto, fruto do meu esforço e competência. Revela meu compromisso."

No entanto, quando se perde a capacidade de contemplar ocorre o seguinte: o cara não se esforça, faz um trabalho medíocre, engana a si mesmo, engana todo mundo, não corrige, nem revisa. Entrega ao professor e ainda se acha injustiçado depois que recebe uma nota baixa. Torna-se um profissional medíocre e incompetente. Vai ter uma empresa medíocre e incompetente ou vai ser um funcionário medíocre e incompetente e quer pedir para que Deus lhe ajude a ganhar vinte mil reais por mês. Se Deus atende, é tão medíocre quanto ele. Deus não atende a oração da mediocridade. A vida cristã é um profundo apelo à honestidade relacional com as coisas e com as pessoas. Deus nos criou para que fossemos naturalmente honestos.

Não transfira essa responsabilidade, pois Deus não compra nossa mediocridade. Ore assim:

- "Senhor, eu não sei fazer nada, eu não tenho competência para nada, me mostre um caminho de aprendizagem e relacionamento. Quero ver nas coisas o aprender e nas relações que decorrerem como isso é bom".

Mas não peça para Deus ser conivente com a incompetência. Ser capaz de contemplar é ser capaz de avaliar-se. Deus para e contempla a obra que fez, a fim de dignificá-la, porque é fruto da competência.

Jesus segue no mesmo caminho. "Olhai os lírios do campo". Para olhar os lírios do campo e contemplá-los, é preciso parar. "Olhai os lírios do campo, porque não tecem, não fiam, no entanto Salomão em toda a sua glória se vestiu como qualquer um deles". Olhar os lírios do campo, contemplar, é ser capaz de perceber que acontece muita coisa ao redor que não depende de você.

Tem gente que trabalha 18 horas por dia e não tem tempo para contemplar as coisas importantes da vida. Vive uma vida infernal, não tem agenda para absolutamente nada e diz que isso é uma vida de sucesso. Não sabe delegar, não capacita outros, não confia e acha que o problema é falta de tempo. O que está faltando, de fato, é a capacidade de contemplar. Se a agenda não permite o tempo da contemplação, tem alguma coisa muito errada com você. Às vezes, as pessoas me perguntam como é a minha agenda. Tenho aprendido a ter uma agenda cheia de espaços vazios, absolutamente lotada deles. Eu digo para meus clientes que procuro ser desejável e não disponível. Ter tempo para jantar com seu filho, ter tempo para curtir a esposa, ter momentos a sós com Deus e consigo mesmo é uma atividade. Faz parte da vida saudável. Precisamos entender isso para entender o "ser vencedor".

O quarto elemento está ligado à filosofia do trabalho. Nesse aspecto, existem duas correntes básicas. A primeira considera o trabalho como uma maldição. "Do suor do teu rosto comerás o teu pão". A segunda considera o trabalho como um modo objetivo de Deus abençoar os filhos. Essas duas formas de pensar estão presentes na história. Ambas também nasceram de interpretações bíblicas. No entanto, quando Calvino, no início do século XVI, em Genebra, restaurou a dignidade do trabalho, os protestantes começaram a entender que a riqueza é fruto da benção de Deus sobre o "produto de nossas mãos".

A filosofia do trabalho, como fato gerador da benção divina, gera uma mudança sociológica profunda em nossa vida.

A conseqüência natural disso é uma nova atitude sobre “ser vencedor”. Passo a agir com gratidão pelo trabalho que tenho e Deus abençoa essas ações. No entanto, tem muita gente que sofre de desgosto pelo trabalho que tem. Não muda de atitude, nem aprende a ver nisso uma benção. Saem de casa todos os dias para trabalhar, depois de murmurar contra o trabalho.

- “Ai, meu Deus, mais um dia de trabalho... final de semana podia ser a semana toda...”

O pior é que os filhos observam o pai ou a mãe fazerem isso e estão aprendendo com eles. Não me espanta termos uma geração acomodada que quer tudo pronto e que não vai à luta. Temos ensinado isso a vida toda.

Diante de tudo isso, parece-me que o conceito de ser vencedor é bem mais amplo do que a perspectiva econômica quer dar. Ser vencedor não é usar Armani, viajar de primeira classe e ter o carro do ano. Certamente, é algo mais profundo. Entenda isso: você pode ter dinheiro, usar terno Armani, ter carro do ano, viajar de primeira classe, usar um sapato Gucci, e tudo mais, e ainda assim isso não faz de você um vencedor.

Vimos o que não é ser vencedor. Vamos ver alguns desafios que o conceito de vencedor nos traz. Em princípio, ser vencedor significa vencer a si mesmo. Para isso, é necessário responder uma pergunta: quem é o seu dono? Quando responder essa questão, você vai descobrir a quem você confere autoridade, a quem você escolhe obedecer. Por exemplo, as pessoas que não conseguem ficar uma hora sem fumar? Quem é o dono dessa pessoa? Aquele que não consegue ficar um dia sem beber, quem é o dono dessa pessoa? Os que não conseguem ficar sem perder a paciência, não conseguem dizer não para um prato de comida. Quem é o dono dessas pessoas? A quem elas obedecem. Então, o primeiro desafio de um vencedor é vencer a si mesmo, escolhendo a quem vai obedecer.

Vencer a si mesmo é criar uma contracultura que derrote os processos de deterioração vividos pela sociedade moderna; que valorize as melhores práticas humanísticas, tais como: honestidade, virtude, sinceridade, lealdade. Se todo mundo na escola cola. Ok, eu não vou colar. Todo mundo sonega, eu não vou sonegar. Todo mundo tende a acumular coisas excessivamente, eu vou repartir e

compartilhar. Todos optam pelo caminho mais curto, vou optar pelo mais íntegro. E assim por diante.

Depois de vencer a si mesmo, vença o modelo social. O ser humano é um ser relacional. Triunfar sobre o modelo social é sair do individualismo e caminhar para a interação coletiva. Vive-se em profundo individualismo. Vença isso e procure relacionar-se. Muitos dizem que não procuram os amigos, porque não querem incomodar. Isso é um engodo. Se for incomodá-lo, ele não é seu amigo e, se for seu amigo, será capaz de dizer caso o esteja incomodando e você não vai ficar ofendido com isso. Procure relacionamentos, vença o medo dos outros.

Certa vez, estava na praia e observei, a meu lado, uma mãe orientando seu filhinho para brincar próximo a ela e não falar com estranhos. Achei isso bem interessante e procurei aproximar-me dela. Pouco depois estávamos conversando. Então eu lhe disse:

- Observe, você está falando com um estranho. Por que você disse para seu filho não fazer isso?

Se não falamos com estranhos, não fazemos novas amizades. O que aquela mãe devia ensinar ao filho é ter cuidado na vida social e não atemorizá-lo quanto à busca de novos relacionamentos.

A humanidade inventou o telefone celular, o fax, a internet e toda essa parafernália para nos aproximar uns dos outros, mas vivemos, cada vez mais, em uma profunda solidão. Esta tem sido diagnosticada como a doença do século XXI. Não tenho com quem conversar, falar das minhas tristezas, angústias e dores. Reflita um pouco: com quem você compartilha sua vida? Quem é seu amigo que escuta suas dores, angústias, frustrações, etc? Com quem você compartilha? Quem lhe consola?

Vença o modelo social vigente. Ao concordar com sentenças do tipo "trabalhe em algo que dê dinheiro, se você gosta ou não, isso é secundário", você está validando um comportamento medíocre e legitimando um futuro doente social, para não dizer corrupto. O garoto quer ser artista. Tem vocação para sê-lo e o pai, julgando ajudá-lo, orienta-o a ser algo como gerente de banco. Resultado: perde-se um possível grande artista e se ganha um péssimo funcionário. Essa visão econômica dominante precisa ser vencida. Vença esse modelo social e invista em pessoas. O modelo econômico de vida que temos adotado não é o único, não é o melhor e não é o

mais perfeito. É apenas o modelo que nós escolhemos, por isso pode ser vencido.

Mais um desafio: tenha capacidade de renovação. Pensar em renovar significa o seguinte: água parada não toca moinho. Tem gente que fala o seguinte: "há trinta anos fazemos isso do mesmo jeito. Porque mudar?" Do ponto de vista da renovação, está errando há vinte e nove anos.

Deu certo no primeiro ano, o resto é repetição. Só que o contexto muda, as pessoas mudam, a demanda muda. Isso requer que a gente também se renove. A vida precisa ser renovada. Estar pronto para isso é vencer a imaturidade emocional. Se você quer ser um vencedor, assuma as responsabilidades pelas escolhas feitas, aceite as diferenças e seja grato por elas. Jesus não teve e nem quis ter o emprego de Herodes, nunca quis ser imperador de Roma. Fez escolhas e assumiu a responsabilidade por elas, inclusive a de oferecer-se como sacrifício pela humanidade. Aceitava com alegria as ofertas que lhe faziam, sabia que não tinha onde repousar a cabeça e era grato pela amizade dos discípulos, a quem chamava de amigos.

Ao assumir as responsabilidades pelas próprias escolhas e ao aceitar as diferenças, venço a imaturidade emocional e começo a ser honesto com a minha história. Olho para trás e reconheço a minha história como sendo aquela que escolhi construir. Uma história que me trouxe até aqui como alguém que é capaz de renovação. Se você não reconhece a própria história, não será capaz de pensar o futuro. Para criar o pensamento novo, há que se admitir o pensamento velho. Para criar o futuro, há que se reconhecer o passado. Só consegue ir para frente quem descobre que veio de algum lugar. Reconcilie-se com a própria história, renove conceitos, assumo-se como alguém em novidade de vida e seja um vencedor.

Quando nos reconciliamos com nossa história – com tudo o que de terrível e de bom que ela teve e terá – nos libertamos de dores guardadas e aprendemos a celebrar a alegria da novidade que esse dia nos traz.

Diante do diagnóstico que fizemos e dos desafios que temos pela frente, resta-nos a pergunta final: o que vamos fazer? A meu ver, existem quatro coisas muito simples que podemos fazer para sermos vencedores.

Primeiro: trilhar o caminho do autoconhecimento. Quem não se conhece não vence. Ser um vencedor começa com a busca pelo

“conhecer-se”, cujo resultado é a coerência interna e externa. Conhecer medos e coragens, tristezas e alegrias, fracassos e triunfos, porque ninguém está livre dessas coisas.

Não somos formados apenas pelas partes boas que julgamos a nosso respeito e não somos uma unanimidade. Sou uma pessoa legal, mas também sou uma pessoa difícil. Ninguém consegue viver em saúde se não descobre, reconhece e aceita seu lado perverso e cruel. Portanto, aprenda a revelar-se, não se esconda. Para isso, servem os amigos e as pessoas que a gente ama. Servem para nos escutar, nos amparar e para nos dizer: “Olha, Homero, eu lhe amo do jeito que você é. Não há nada que você faça que vá mudar isso”.

A gente cria, ao longo da vida, uma couraça para não deixar que as pessoas nos vejam como realmente somos. Isso leva-nos a viver uma grande mentira imagética. Desejo que os outros me vejam como maravilhoso, fantástico, brilhante e, para tanto, coloco-me dentro de uma armadura impenetrável, não me revelo e não me deixo avaliar. Você já perguntou para seu filho, para sua esposa marido, seu funcionário, seu amigo, o que eles pensam sobre você? Faça isso e depois que eles disserem que você é uma pessoa maravilhosa, pergunte-lhes sobre o que você tem de ruim. Seja capaz de fazer essa pergunta cruel. Capacite a si mesmo e aos outros para lhe avaliarem, porque ao perceber que você não é apenas essa pessoa maravilhosa, verá quantas coisas novas precisa aprender.

Você vai descobrir que por trás dessa couraça existe um ser, que sofre, chora, tem necessidades. É nesse ser que reside a inefável chama do amor incondicional que se relaciona. Quando nos relacionamos ficamos bonitos, porque a nossa vitória está na relação com os outros e não na solidão. A vitória está em nossa inteireza e não na ilusão imagética, parcial e efêmera de nossas pretensões. A partir do autoconhecimento, eu aprendo, e dessa forma me revelo e me deixo avaliar para continuar aprendendo. Saia dessa armadura que você construiu para lutar, mas que lhe afasta dos relacionamentos inteiros, e descubra a dor e a alegria de ser o que é.

Segundo: aprenda a compartilhar. Entre na perspectiva relacional. Compartilhe experiências e entenda as diferenças como possibilidades e não como ameaças. Isso requer um profundo mergulho no espaço relacional. Tal prática restaura a intimidade dos afetos. Ter intimidade é mais do que dormir junto, é sonhar junto. É mais do que fazer sexo, é trocar desejos e construir futuros; é comer do mesmo pão.

O compartilhamento relacional tira do medo e da solidão e faz ver a vida como um imenso jardim, onde em se plantando, tudo dá. Qual foi a última vez que você compartilhou com alguém como você se sente e quais são os seus sonhos? Maridos que não são capazes de falar do medo de perder o emprego, do medo do câncer de próstata, da impotência, que não contam para esposa o quanto ganham e vice-versa. Fazem isso e julgam que confiam. Não é de espantar o fato de que tais relacionamentos vivem em crise. A vida de um vencedor é compartilhada. Jesus compartilhou com os discípulos alegrias e tristezas, e nos convida para participar de tudo e não apenas dos momentos da transfiguração.

Terceiro: transite do egoísmo para a generosidade e para a gratidão. Isso requer a consciência de um servo. Você está na vida para servir. Se eu não tenho essa consciência, não vejo oportunidades de ser generoso e grato. Nossa sociedade inverteu esse valor e nos tornou egoístas e egocêntricos. No entanto, quando descubro o ato de servir como uma distinção de minha identidade, percebo um mundo inesgotável de possibilidades relacionais novas. Esse é o mundo em que prevalece o senso de realização. Entre na consciência de um servo e comece a entender que a razão do sucesso é a capacidade que você tem de partilhar a vida, a experiência, o relacionamento. Essa perspectiva faz com que as pessoas se sintam absolutamente enriquecidas na sua presença, tornando você generoso, pois compartilha de si, e grato pelas oportunidades que tem.

Para que você tem tudo o que possui? Às vezes, cometemos o erro de achar que dizimo é apenas o dinheiro, mas dizimo não é isso. Às vezes, você dá uma oferta para a igreja, mas não dá do próprio tempo, não oferece competência, amizade. Não se entrega. Então, você está dando o quê? Ter a consciência de um servo e ser capaz de oferecer-se como modelo de quem está em processo de aprendizagem. Esse é o grande desafio daqueles que são vencedores.

Por fim, há um quarto elemento: saia da crítica passiva para a vontade ativa. Esse é o grande desafio dos vencedores. Em toda história da humanidade, os vencedores foram aqueles que fizeram. Vocês querem saber quem é o vencedor? Aquele que agiu. Tem muita gente que entra na dimensão da crítica, mas não está comprometido com a ação. Quando se faz isso, transforma-se em um vírus letal para os relacionamentos. Ao criticar, sem se colocar disponível para a ação, você se torna um gerador de doença. As relações ficam adoecidas. Se não estou disposto a ser parte da solução, sou parte do problema. Se não tenho ânimo para ajudar, o criticar apenas gera

doença social. Só tem o direito à crítica quem tem compromisso com a ação transformadora.

Esse é o perfil daqueles que foram feitos para vencer. Entender isso ensina que não fomos feitos para a perfeição, mas para o "aperfeiçoar-se". Não fomos feitos para sermos perfeitos, mas sim para estar no caminho, recomeçando sempre. Não há nenhuma garantia de que você terá sucesso, mas existe a promessa de que sempre será acolhido e fortalecido.

Vencedores não são aqueles que ganham muito dinheiro; são aqueles que olham no espelho e se reconhecem como seres humanos em toda a sua humanidade. Vencedores são capazes de abrir os braços e dizer: "Pai, perdoa-lhes, porque fazem o que sabem, mas não sabem o que fazem". A despeito de qualquer coisa, os vencedores dignificam a próprias vidas dignificando os outros. Vencedores aprenderam que nada é obrigado, nada é proibido, tudo é permitido. Vencedores têm na vitória uma experiência existencial e não um conceito social. Para os vencedores, a vida é abundante porque tem um significado verdadeiro.

Se você pensa que ser vitorioso é ter o carro do ano, uma casa rica, roupas caras, entenda que são apenas coisas que o dinheiro compra. Ser vitorioso dessa forma é um reducionismo. Ser verdadeiramente vitorioso é fazer aquilo para o qual fomos chamados: ter o coração e a mente renovados de tal modo que nosso modo de vida diga ao mundo que ainda há esperança de futuro.

Ser vencedor é ser sal e luz para um mundo que precisa de sabor e direção. Ser vencedor é ser capaz de viver a vida na perspectiva do servir. É ter o mundo como uma dádiva a ser cuidada; ver a diferença como possibilidade e o outro como alguém a ser amado.

Foi muito bom viver esse dia, para poder estar com vencedores.

Obrigado.

Reflitam em paz.

Homero Reis; M.Sc.